

MSM

ÍNDICE DE CONTEÚDOS

Prefácio	página	3
Capítulo 1 Introdução		4
Capítulo 2 A atual confusão geopolítica		34
Capítulo 3 A Maurícia, um verdadeiro paraíso		49
Capítulo 4 Engano e contenção da liberdade de expressão		60
Capítulo 5 Seychelles		80
Capítulo 6 O grupo Goebbels Media		86
Capítulo 7 Forças antidemocráticas		109
Capítulo 8 As conspirações e os meios de comunicação social		118
Capítulo 9 Lavagem cerebral à moda antiga		136
Capítulo 10 Na colina e perspetivas futuras		157
Capítulo 11 A Utopia de um Governo Mundial		167
Capítulo 12 A catarse e a necessidade de purificação		172
Capítulo 13 Democracia Vital, Estado de Direito e Trias Política		176
Capítulo 14 Epílogo		179

PREÂMBULO

Vivemos em tempos geopolíticos turbulentos e perigosos, em que o equilíbrio de forças está a mudar visivelmente. De acordo com o brilhante general ateniense Tucídides, esses períodos são frequentemente acompanhados de guerras em grande escala. Nesse livro, analiso o papel que os principais meios de comunicação social do Ocidente coletivo desempenham nas tensões que têm surgido. Como o caso da guerra por procuração na Ucrânia se presta melhor a isso, escolhi-o como um dos temas centrais.

Como sociedade ocidental, estamos num ponto de rutura histórico, razão pela qual também me concentrei na autorreflexão sobre a nossa sociedade neste livro. Será que somos realmente os melhores em tudo ou será que os políticos, os meios de comunicação social e nós próprios nos estamos a iludir? Será que ainda estamos em contacto com os desenvolvimentos no resto do mundo, onde vive 85% da população mundial, ou será que estamos a sofrer de uma forma grave de dissonância coletiva?

Uma vez que poucas pessoas gostam de se ver ao espelho e de ser medidas, a primeira reação de muitas pessoas a este livro será de rejeição. As pessoas agarram-se muitas vezes à sua visão concreta do mundo e preferem ficar na sua zona de conforto. Não olhamos o mal pela boca e fechamo-nos aos factos irrefutáveis. Numerosas civilizações floresceram nos últimos 5.000 anos e depois passaram por uma fase de estagnação e declínio.

A civilização ocidental também tem um prazo de validade. Ninguém sabe quanto tempo nos resta, mas os sinais atuais não são propriamente animadores. O objetivo deste livro é despertar as pessoas e dar ao nosso país uma perspetiva de futuro. É tempo de o nosso povo retomar o controlo da sua própria sociedade e reavivar os princípios democráticos de direito. Para muitos, o conteúdo deste livro pode ser um choque porque, nos últimos dois anos, os nossos meios de comunicação social e o nosso governo têm mentido sobre tudo e mais alguma coisa no que diz respeito à guerra por procuração na Ucrânia.

Não se trata de uma teoria da conspiração, como o nosso primeiro-ministro quer fazer crer, mas de um conjunto irrefutável de factos. A minha avaliação, portanto, é que os ministros do nosso governo e os meios de comunicação social são em grande parte responsáveis pelos atuais 500 000 soldados ucranianos mortos e pelo mesmo número de feridos graves, incapacitados e traumatizados. Em 1904, Sir. Halford Mackinder escreveu que o desenvolvimento económico da Eurásia era a maior ameaça ao poder da Grã-Bretanha e dos EUA e que tudo deveria ser feito para o frustrar. Em grande medida, a 1ª e a 2ª Guerras Mundiais foram motivadas por este facto, colocando a Alemanha e a Rússia uma contra a outra. Ainda hoje, este pensamento é a ideologia dos neoconservadores britânicos e norte-americanos e da CIA. Serão capazes e estarão dispostos a travar uma terceira guerra mundial com a Rússia e a China por causa disto?

Que a justiça vos abençoe e a verdade vos liberte!

CAPÍTULO 1 INTRODUÇÃO

Após a publicação, em meados de dezembro de 2023, do meu último livro "On a Silk Thread" sobre a precária situação geopolítica e as novas Rotas da Seda, estava decidido a não escrever outro livro por enquanto. Planeei as minhas viagens às Maurícias, Seychelles e Maldivas e deixei completamente de escrever, ou pelo menos assim o pensei. Mas algo me atormentava porque as tensões geopolíticas em torno da guerra por procuração na Ucrânia continuavam a aumentar a um ritmo acelerado e os meios de comunicação social desempenhavam um papel crucial e altamente questionável.

Quando fiquei na Maurícia durante um mês, a partir de meados de dezembro de 2023, e a maioria das pessoas pensava exatamente o mesmo que eu sobre certas questões controversas da atualidade - como o papel extremamente maligno dos principais meios de comunicação social ocidentais e a sua conivência com os governos do Ocidente coletivo e outros protagonistas globalistas -, senti-me moralmente mais ou menos obrigado a falar sobre esta situação extremamente perigosa.

A atual situação de tensão é muito semelhante ao prelúdio da Primeira Guerra Mundial, quando quase ninguém queria uma guerra total, mas a retórica belicosa e a dinâmica incontrolável fizeram com que a Europa entrasse numa guerra total. Depois de ter lido o impressionante livro de Erich Maria Remarque *Im Westen Nichts Neues* no liceu e de me ter destacado em história mundial, o meu entusiasmo pelas guerras tinha desaparecido completamente.

As guerras são horríveis, inúmeras pessoas são mortas, mutiladas ou traumatizadas para o resto das suas vidas. Os seus filhos, mães, pais, irmãos, irmãs e outros familiares e amigos perdem os seus entes queridos e raramente, ou nunca, as guerras conduzem a algo de positivo. Quando era pequeno, brincava com soldados, depois ia ver filmes de guerra ao cinema com o meu pai, mas a partir dos meus 17 anos, já não tinha mais nada a ver com isso.

Não sou pacifista. Se o governo de um país não fez nada para provocar uma guerra, tem obviamente o direito de se defender contra um agressor. A situação é substancialmente diferente se um país tiver feito tudo o que era possível para provocar uma guerra e ameaçar seriamente a sobrevivência de outro país e, por exemplo, iniciar uma guerra por procuração a mando de outro país poderoso.

Quando, em 22 de fevereiro de 2014, chamei a atenção da minha família e dos meus amigos para o perigo de uma guerra (nuclear) com a Rússia a partir de Kiev, durante o golpe de Estado liderado pelos EUA e pela Grã-Bretanha, fui muito provavelmente declarado louco por eles. Para mim, já nessa altura, todas as peças do puzzle se encaixavam perfeitamente no seu lugar. Chamem-lhe visionário ou um bom insight geopolítico analítico, não me faz diferença, mas aparentemente vi-o com clareza na altura, e talvez isso se deva também ao facto de sentir uma ligação muito especial com Kiev.

Adorava aquela cidade e, antes de 2014, era um verdadeiro paraíso. Quando a visitei pela última vez, em setembro de 2019, vi Kiev como uma triste cidade-fantasma. A cidade, outrora vibrante, tinha sido transformada numa cidade sem alma, mortalmente monótona e degradada, com todos os vagos personagens marginais que, aparentemente, tinham descido para as histórias sobre as muitas mulheres bonitas, que nessa altura já tinham partido há muito tempo.

Todas as discotecas e restaurantes fabulosos que visitei quase diariamente durante os anos dourados tinham fechado ou deixado de funcionar. As mulheres ucranianas, extremamente inteligentes e atraentes, tinham desaparecido completamente de cena e, já em 2014, tinham escolhido ovos para o seu dinheiro e tinham partido em massa para a Rússia, a Europa, o Canadá e os EUA. Para mim, em 2014, era perfeitamente claro que os EUA e a Grã-Bretanha estavam por detrás deste golpe e do enfraquecimento da Rússia, e que a Rússia, então militarmente muito mais forte, já não estava a tolerar esse comportamento de máfia.

Em 1999, o seu exército não era suficientemente forte para intervir quando a NATO bombardeou Belgrado, caso contrário a Rússia tê-lo-ia certamente feito pelo seu povo irmão. Olhando para trás, para os últimos 20 anos, penso que os bombardeamentos de Belgrado marcaram o início do fim de uma diplomacia séria e do respeito pelo Estado de direito internacional, baseado no direito internacional, como a Carta das Nações Unidas.

Estes bombardeamentos constituíram crimes de guerra sem falhas, porque não se basearam num mandato do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Posteriormente, o julgamento do antigo Presidente sérvio Slobodan Milosevic em Haia mostrou que a base substantiva para esta intervenção militar unilateral também era extremamente instável, porque não foi encontrada uma única migalha de prova de que ele tivesse ordenado crimes de guerra na Bósnia, e não terá sido esse o principal motivo desta intervenção militar?

Isto não fez qualquer diferença para as elites políticas autoproclamadas e narcisistas do Ocidente coletivo, que alberga apenas 15% da população mundial, porque mesmo assim se consideravam muito acima do direito internacional e dos outros. Pelo contrário, o Ocidente coletivo considera que o seu impressionante conjunto de crimes de guerra das últimas décadas é uma manifestação altruísta, afinal de contas fizeram-no por uma boa causa, mas na realidade todas essas invasões ilegais são violações flagrantes do direito internacional.

Eles são maus e nós somos bons tipifica o nível infantil de pensamento destas elites políticas ocidentais. É uma espécie de noção moderna de Ubermensch, porque esta atitude se baseia não só na sua óbvia incompetência, ignorância e estupidez, mas, mais importante ainda, nos seus sentimentos de superioridade mal colocados. Será que nós, no Ocidente coletivo, nos tornámos furtivamente cidadãos do Império 4^e com Washington como sua capital, pergunto-me cada vez mais seriamente.

Nós, no Ocidente coletivo, vivemos no jardim do Éden, de acordo com Josep Borrell, enquanto o resto vive numa selva, mas nada poderia estar mais longe da verdade, e eu viajei por quase todo o mundo. Muitos países não ocidentais têm, de facto, o élan e o sentido de justiça que nos faltam atualmente.

Embora a palavra inclusão esteja muito em voga nos dias que correm no Ocidente coletivo, o racismo e a desdém gotejam dela quando as pessoas querem dar lições a chineses, russos e indianos, com uma população total de 3 mil milhões de pessoas, mais uma vez. Os nossos líderes governamentais determinam arbitrariamente quem está certo e quem está errado com base nas suas próprias normas e valores subjetivos, impõem unilateralmente sanções económicas, mas não têm de todo essa jurisdição, e este comportamento conduzirá indubitavelmente a conflitos e a guerras que tudo consomem, porque os restantes 85% da população mundial estão fartos do seu comportamento dominante pós-colonial.

O comportamento grotesco, opinativo e agressivo da rapariga nascida na UE, Úrsula von der Leyen, que falhou em tudo na sua carreira e nunca foi eleita democraticamente, também desencadeia um clima de mau humor em todo o mundo. Em geral, as pessoas não gostam de cabras políticas, que provocam guerras sem qualquer conhecimento ou competência. Figuras como Hillary Clinton, Madeleine Albright, Victoria Nuland e Annalena Baerbock são bons exemplos.

Aparentemente, temos agora dois conjuntos de regras de direito internacional em conflito, o formal, consagrado no Estatuto das Nações Unidas que surgiu logo após a Segunda Guerra Mundial e que o Ocidente coletivo sistematicamente não cumpre, e o conjunto informal e obscuro do Ocidente coletivo, que não se encontra em parte alguma e cujo conteúdo ninguém conhece. Não acha estranho, então, que haja tanto caos no mundo?

Também não é por acaso que os países BRICS estão em plena expansão. As suas economias combinadas já são maiores do que as do G7 e isto é apenas o começo. Ter a sua própria moeda de reserva (apoiada em ouro) para substituir o dólar (Petro) é o próximo passo e isso significará o golpe final para o dólar (Petro) e, portanto, para todo o sistema financeiro dominado pelos EUA, baseado na extorsão do resto do mundo e na impressão interminável de papel-moeda fiduciário.

O "poderoso polvo maligno" sente agora que a sua própria existência está seriamente ameaçada e está preparado para ir a extremos para assegurar a sua própria posição ou para levar outros para a sua armadilha. Sem a vaca leiteira chamada dólar, é quase impossível para os Estados Unidos manter 750 bases militares em todo o mundo e controlar o mundo. Se os chineses também se desfizerem em massa das suas obrigações do Estado americano - e os primeiros sinais já se fazem sentir - os americanos terão de voltar a perseguir búfalos.

No mínimo, conduzirá a um regresso à política do isolacionismo e, então, poderão finalmente começar a concentrar-se seriamente nos seus próprios e imensos problemas, tais como os inúmeros toxicodependentes e a criminalidade que lhes está associada, o afluxo de muitos milhões de pessoas que procuram fortuna ilegalmente todos os anos, as infraestruturas totalmente negligenciadas, o elevadíssimo peso da dívida e a corrupção endémica em Washington.

Todos os possíveis excessos dos Estados Unidos se transferiram para a Europa nas últimas décadas e eu não compreendo realmente em que se baseia o fascínio das nossas autoproclamadas elites políticas por aquele país em grave declínio. As regras unilateralmente determinadas e não jurídicas da chamada ordem baseada em regras, que ninguém sabe o que são e onde encontrá-las, aplicam-se apenas aos outros e não ao próprio Ocidente coletivo. Esta duplicidade de critérios é desagradável para qualquer ser humano normal.

Em fevereiro de 2014, eu estava oito a dez anos atrasado na minha previsão e, devido à dinâmica da época, não podia imaginar que a Rússia iria optar primeiro por esforços diplomáticos muito intensos para cortar o conflito pela raiz e, ao mesmo tempo, reforçar consideravelmente o seu exército. Aparentemente, na altura, o Presidente Putin ainda valorizava as boas relações com a Europa e não queria agir de forma demasiado impulsiva e esperar para ver como a situação na Ucrânia iria evoluir.

Durante algum tempo, tive dúvidas de que se tratasse de um erro de avaliação estratégica, mas cheguei à conclusão de que não era. O exército russo não era suficientemente forte nessa altura e o exército da NATO era muito mais forte nessa altura do que agora. Atualmente, é um tigre de papel. Além disso, não se mobiliza imediatamente o seu recurso mais pesado mesmo antes de se ter tentado resolver o conflito por meios diplomáticos, especialmente quando a Europa é o seu maior cliente.

A diplomacia tem sido tradicionalmente uma parte importante da política externa da Rússia. No Ocidente coletivo, a diplomacia como instrumento para a resolução deste conflito foi deliberadamente bloqueada desde o início, e qualquer oferta da Rússia nesse sentido foi feita de forma brusca, condescendente, arrogante e com o maior desprezo. Não é a liderança da Rússia que é agressiva, má e ditatorial, mas sim a do Ocidente coletivo.

A propósito, a rejeição final em dezembro de 2021 não foi de todo surpreendente para mim porque os americanos e britânicos tinham certamente trabalhado concretamente para esta guerra por procuração desde 2014, investiram muitos milhares de milhões nela, expandiram o exército ucraniano de 15.000 para 750.000 soldados, treinaram intensamente este exército e armaram-no até aos dentes, e depois, no momento suprime, deixaram o vosso desejo mais fervoroso ser torpedeado e o vosso megaprojeto preparado durante 10 anos terminar num anticlímax para algo como a paz? Isso não faz muito sentido.

O que teria sido contra a concessão à Ucrânia de um estatuto de neutralidade, como a Áustria e a Suíça, e a não adesão à NATO? Quem pensa que os americanos se preocupam minimamente com o bem-estar dos ucranianos é extremamente ingénuo, e não é substancialmente diferente entre os líderes governamentais europeus, apesar das muitas expressões chorosas de apoio. O quase um milhão de vítimas ucranianas (mortos e feridos graves) não lhes diz respeito. Basta olhar para a linguagem corporal destes dirigentes.

De cada vez que voltam a fornecer armas, enviam desnecessariamente milhares de ucranianos para a morte, porque sabem muito bem que não têm qualquer hipótese contra um adversário muito mais forte. A Ucrânia é apenas um instrumento cruel nas mãos dos

EUA e da GB para enfraquecer seriamente a Rússia (e indiretamente a Europa), como confessou abertamente recentemente o seu ministro da Defesa, Austin.

É o defensor de um dos maiores fabricantes de armas, a Raytheon, e as pessoas que o conhecem bem de perto afirmam que ele nunca conseguiu nada no exército como general de 4 estrelas. Segundo Douglas MacGregor, um génio militar que foi conselheiro de topo do Pentágono, os EUA têm atualmente 44 generais de quatro estrelas para um exército de 1,2 milhões de soldados, enquanto na Segunda Guerra Mundial, com 12 milhões de soldados, havia apenas sete generais de quatro estrelas a liderar esse exército.

Por outras palavras, o seu exército atual tornou-se um aparelho burocrático com uma cabeça de água e não é uma sombra do que foi outrora. Esses 44 generais são, na sua maioria, representantes politizados da indústria de armamento e têm empregos de porta giratória entre esse exército e esses fabricantes de armamento. Estes fabricantes de armas subornam os políticos norte-americanos e é por isso que os EUA travam uma guerra atrás da outra.

Para o legitimarem, precisam de inimigos e os meios de comunicação social ajudam-nos a fazê-lo, demonizando líderes governamentais e países. A agora demitida bruxa Victoria Nuland, arquiteta da guerra por procuração na Ucrânia, declarou recentemente, de forma cínica, que a guerra por procuração na Ucrânia está a criar muitos empregos nos EUA e que os soldados americanos não têm de morrer a combater os russos (porque os ucranianos são especialmente bons nisso, segundo a minha interpretação).

Vários senadores americanos já tinham levantado publicamente esta questão. Aparentemente, não têm empatia nem consideração por todos os homens ucranianos e suas famílias, que são as verdadeiras vítimas desta guerra por procuração. Muitos peritos militares experientes, em quem tenho grande consideração, indicam que os EUA e a NATO não têm um plano B, mas e se a guerra por procuração na Ucrânia nunca foi um plano A, mas sim um caso Belli perfeito para uma 3^e Guerra Mundial?

De momento, os sinais não são inequívocos. Continuo a duvidar se a liderança coletiva do Ocidente é, de facto, tão estúpida e incompetente como tem vindo a fingir ser há dois anos, ou se estava a seguir um plano diferente desde o início e que uma guerra direta entre a NATO e a Rússia é ou era o plano real. Ora, quem, nesse Ocidente coletivo, poderia ter acreditado seriamente que a Ucrânia tinha alguma hipótese contra a Rússia, muito mais forte em todos os aspetos?

A escalada do Ocidente coletivo nos últimos dois anos também parece indicar má-fé e intriga, tal como a propaganda cega obviamente coordenada pelos meios de comunicação social ocidentais desde o primeiro dia da intervenção militar russa. Também isto revela uma direção central e um guião comum. Há mais de dois anos que estes meios de comunicação social têm vindo a divulgar os maiores disparates sobre esta guerra e a Rússia.

Por enquanto, parto do princípio de que os dirigentes governamentais do Ocidente coletivo são absolutamente incompetentes, também porque falham irremediavelmente em muitos outros domínios e porque os atuais exércitos da NATO ainda não conseguem fazer mozza

num pacote de manteiga, devido a décadas de cortes orçamentais e de stocks de armas esgotados. Por isso, qualifico a sua atual posição de bluff poker.

No papel, prometem mais armas à Ucrânia, mas não há nenhuma e não estarão disponíveis nos próximos anos, porque a construção de uma indústria de armamento leva muitos anos e exige conhecimentos específicos. A propósito, a América não é de todo o amigo da Europa que finge ser, o que é um grande mal-entendido. Desde a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos têm feito tudo o que podem para impedir a cooperação entre a Rússia e a Alemanha, pois estas poderiam formar um tandem económico extremamente forte. A explosão do Nordstream I e II enquadra-se perfeitamente nesta estratégia destrutiva.

Há alguns anos, acreditei durante algum tempo que a UE iria emergir como um ator económico independente na cena mundial, mas isso acabou por ser uma ilusão. A UE é o Labrador dócil dos EUA e ninguém sabe porquê. Estou extremamente curioso para saber como e com que meios Victoria Nuland conseguiu coagir, ameaçar e chantagear os líderes governamentais ocidentais e os meios de comunicação social para que se alinhassem.

O mesmo se aplica à frustração da ligação entre a Rússia e a China, que, a propósito, é agora muito mais forte do que nunca. Os EUA viram a UE como um concorrente de peso e conseguiram, com a ajuda dos nossos líderes governamentais estúpidos em relação ao petróleo, servis e autodestrutivos, dar cabo da economia europeia, tendo o ponto mais alto sido a explosão dos gasodutos Nordstream I e II pela CIA, sob o olhar atento do chanceler molusco Scholz. Com um pouco de imaginação, poder-se-ia chamar a isso traição.

E, de repente, a França também acorda e prevê uma verdadeira catástrofe económica para a Europa se a Rússia ganhar, mas isso é tão certo como o nascer do sol. A Alemanha está agora a comprar o gás líquido dos EUA, quatro vezes mais caro, o que fez com que a indústria alemã caísse em queda livre e que numerosas empresas (automóveis) de renome estivessem à beira da falência. A China já ultrapassou a produção total anual de automóveis alemães.

Como nós, nos Países Baixos, somos altamente dependentes da economia alemã, não é preciso ser um decisor político do CPB para prever que também a nossa economia será duramente afetada por esta situação nos próximos anos. Além disso, a nossa economia é muito vulnerável, porque poucos são os que ainda fabricam produtos reais, mas são sobretudo bons a encontrar, consumir e a fazer circular dinheiro fiduciário obtido nos seus empregos da treta, como lhes chamou o recentemente falecido professor de antropologia cultural David Graeber.

Não temos falta de mão de obra, mas sim um excesso de empregos sem sentido e sem valor acrescentado, o que também é típico da antiga União Soviética. Há décadas que vivemos na Alice no País das Maravilhas, dizendo todos os dias uns aos outros como somos maravilhosos. O orgulho vem antes da queda. Embora as provas não sejam conclusivas, este processo de dissonância cognitiva coletiva ocorreu em simultâneo com a ascensão do neoliberalismo sem conteúdo na viragem do milénio.

Considero o neoliberalismo o irmão mais novo do fascismo porque, também neste movimento, o governo está muito próximo do grande capital e as pessoas comuns são o

refúgio. Em 2014, a violência extrema em Kiev por parte de um número limitado de ucranianos fascistas da Galiza, raivosos e treinados pela CIA, foi um grande choque para a maioria dos russos.

Muitos russos e ucranianos estão ligados por laços familiares e as suas economias também estavam muito interligadas. Publiquei a história integral da Ucrânia, da Rússia e da Bielorrússia há dois anos e tudo demonstra, incluindo estudos genéticos, que, à exceção talvez da população da Ucrânia ocidental, se trata de populações eslavas altamente aparentadas que viveram lado a lado nos referidos países durante milhares de anos.

Uma vez que o Presidente Putin considera os ucranianos como um povo irmão eslavo, fez tudo o que estava ao seu alcance para reduzir ao mínimo as baixas civis e não tinha qualquer intenção de conquistar esse país nem de destruir as suas infraestruturas. Não se pode dizer exatamente o mesmo de Netanyahu em Gaza. A duplicidade de critérios do Ocidente coletivo é embaraçosa e infame.

A lealdade cega do nosso governo para com sionistas extremamente violentos, que são culpados de genocídio em grande escala, é completamente descabida e revela podridão moral. Quando um tribunal neerlandês proibiu recentemente o fornecimento de peças de armas pelo Governo neerlandês, este recorreu imediatamente e depois recorreu em cassação, o que revela uma total ausência de empatia pelas muitas vítimas palestinianas e a falta de uma bússola moral. Mas nem mesmo o Supremo Tribunal é levado a sério por Rutte, uma vez que este já encontrou outro caminho para o fornecimento dessas peças, através dos EUA.

Voltarei mais tarde aos acontecimentos de 7 de outubro de 2023. Os motivos do Presidente Putin para a intervenção militar em fevereiro de 2022 foram proteger a população de língua russa no leste da Ucrânia de uma limpeza étnica iminente, impedir que a Ucrânia se tornasse membro e baluarte da NATO, o que lhe permitiria ameaçar seriamente a Rússia com mísseis nucleares, criar uma estrutura de segurança para a Europa, que incluísse os interesses legítimos da Rússia, e lidar com os ditos nazis radicais.

No projeto de acordo de paz acordado em Istambul, em março de 2022, entre uma delegação russa e uma delegação ucraniana, que foi torpedeado por Boris Johnson a pedido dos neoconservadores norte-americanos, a integridade territorial da Ucrânia permaneceu praticamente intacta e outros termos foram também extremamente suaves e favoráveis à Ucrânia. Essa é agora uma fase ultrapassada e uma rendição incondicional num futuro previsível parece ser o cenário mais provável.

Quem acredita que a Rússia queria conquistar a Ucrânia com 90 000 soldados não está bem da cabeça, mas os nossos chamados peritos militares continuam a afirmar isso até hoje. Para isso seriam necessários muitos milhões de soldados, porque o país é maior do que a Alemanha ou a França. Tratou-se de um meio de pressão para forçar o regime ucraniano a negociar e já foi bem-sucedido.

Parte do acordo consistia na retirada das tropas russas em torno de Kiev e os nossos meios de comunicação transformaram-no numa retumbante vitória heroica do exército ucraniano,

depois de o projeto de acordo ter desaparecido na lareira em Kiev e de o exército russo em retirada ter sido atacado pelas costas.

A afirmação de que uma Ucrânia mais pequena nunca poderia ter ameaçado a Rússia também é risível, porque a Ucrânia é o maior país da Europa e o seu exército cresceu de 15 000 para 750 000 soldados (o maior exército da Europa) entre fevereiro de 2014 e fevereiro de 2022, armado até aos dentes e treinado durante anos pela NATO. Em 2014, os militantes nazis levaram a reboque os bem-intencionados manifestantes da Maidana e permitiram que franco-atiradores georgianos disparassem simultaneamente contra os seus próprios manifestantes e contra a polícia de choque do hotel superior Ukraina, com o objetivo de criar o caos total, atribuindo a culpa deste crime ao atual Presidente Yanukovich e tornando a sua posição insustentável. E nós apoiamos monstros como este?

Quando as próprias pessoas se dizem nazis convictas e estão cobertas da cabeça aos pés com tatuagens de líderes nazis e usam cruces de ferro, quem são os jornalistas dos meios de comunicação social ocidentais e os nossos políticos de peso para questionar ou minimizar este facto? Não há nazis moderados ou amantes da paz que não sejam movidos pelo ódio racial e pela violência. Isso seria uma contradição em termos ou um oxímoro.

Os assassinos georgianos confessaram mais tarde na televisão, mas não sabiam quem lhes tinha pagado, eu sabia, a CIA a mando de Victoria Nuland. Esta mulher é a reencarnação de Lucifera e está determinada a aproximar o Armageddon. A CIA é mais bem comparada com a Comissão da Máfia Americana. A CIA está acima da lei e o General Eisenhower e o Presidente Kennedy também alertaram para este facto há 60 anos.

Porque é que as pessoas comuns continuam a matar-se umas às outras em massa quando tudo o que temos de fazer é neutralizar alguns milhares desses monstros? O facto de Victoria Nuland ter agora atirado a toalha ao chão ou ter sido despedida sem uma vitória é revelador e talvez um bom sinal. Porque é que os ladrões de lojas são processados criminalmente e este tipo de criminosos da pior categoria não?

Os meios de comunicação ocidentais não disseram uma palavra sobre a sua partida e isso é outro sinal de que esses meios de comunicação têm falhas e fazem essencialmente parte do guião. Se existe ou não um criador, voltarei a este assunto mais tarde neste livro, mas uma coisa é certa para mim: o mal existe certamente e posso facilmente apontar inúmeros discípulos do mal supremo em todo o mundo. A maioria deles tem a mesma origem.

O ato mais inteligente do diabo é fazer-nos acreditar que ele não existe. Também tentar continuamente convencer o público de que as conspirações não existem é curioso e risível. Os livros de história estão cheios de conspirações, basta perguntar a Júlio César. As pessoas que veem conspirações em tudo são doentes mentais e as pessoas que não veem conspirações em nada são extremamente ingénuas.

O Presidente Putin e as altas patentes administrativas e políticas em Moscovo perderam toda a confiança nos líderes governamentais ocidentais, que não são dignos de confiança, pois comportam-se como vassalos acrílicos dos EUA e, se o Ocidente coletivo continuar a

escalar este conflito e a participar ativamente na guerra em grande escala, mas de forma dissimulada, o nosso fim está próximo, estou convencido disso.

O Presidente Mácron e Annalena Baerbock têm, aparentemente, um desejo de morte. Como é que os alemães de hoje abraçam sem pudor o regime de Zelenski e fornecem tanques, mísseis e aviões de combate está para além da minha compreensão. A Rússia é o único berço remanescente da civilização ocidental de origem greco-romana e cristã, que ainda pode inverter a maré globalista trotskista e cortar estes niilistas pela raiz, e estou convencido de que podem ganhar essa batalha juntamente com os restantes 85% da população mundial com distinção.

Um provérbio chinês diz: "desejamos-te tempos emocionantes", e esses tempos vão certamente chegar nos próximos anos, a menos que alguém carregue no botão. A Rússia, a China e a Índia, juntamente com os outros países BRICS, oferecem uma alternativa que acena.

Não se trata, de todo, de uma guerra entre a Ucrânia e a Rússia, como tem sido apresentado nos nossos meios de comunicação social há dois anos, mas sim de uma guerra vulgar entre estes globalistas de extrema-esquerda e a NATO liderada pelos EUA, por um lado, e a Rússia, por outro, mas não nos é permitido chamar-lhe isso porque, nesse caso, as disposições da Constituição teriam de entrar em vigor, e mesmo esse tipo de leis existe sobretudo para ser contornado hoje em dia, não é verdade, Mark Rutte?

Com o Orwelliano New Speak, os nossos líderes governamentais ocidentais e os meios de comunicação social estão a encobrir o que realmente se está a passar. Um número limitado de políticos ucranianos oportunistas e corruptos até ao tutano traiu o seu país e o povo eslavo apenas para seu próprio benefício e deixou-se subornar pelos neoconservadores para que o seu país fosse utilizado como aríete e baluarte contra a Rússia, e as mesmas pessoas preguiçosas estão agora a permitir que o seu país seja saqueado pela Blackrock, pela Monsanto e por outras multinacionais americanas canibais.

O facto de haver agora pelo menos 440 000 e provavelmente mais de 500 000 ucranianos mortos e pelo menos igual número de feridos graves/inválidos a lamentar, o país falido e perdido para sempre, parece pouco lhes importar. Nos últimos anos, ocorreu uma verdadeira catástrofe demográfica na Ucrânia porque, mesmo antes da intervenção militar, cerca de 10 milhões de jovens adultos, na sua maioria com um elevado nível de educação, tinham partido para o estrangeiro entre 2014 e 2022.

Os salários deixaram muitas vezes de ser pagos, numerosas empresas abandonaram o país e este já estava de facto falido. Após a intervenção, juntaram-se cerca de 13 milhões de refugiados, o que faz com que a população atual seja de apenas 18 milhões, em comparação com 43 milhões em 2012. Quando visitei Kiev pela última vez, em setembro, um informador informou-me que há anos que não era feito qualquer recenseamento para disfarçar o facto de o país estar a esvaziar-se.

O palhaço de horror Zelenski foi eleito pelo povo da Ucrânia com base na sua promessa enfática de fazer a paz com a Rússia. No dia seguinte à sua nomeação, fez uma viragem de

180 graus, com ou sem a arma nazi apontada à cabeça, e este foi o melhor exemplo de engano eleitoral deste século que conheço.

Se tivesse cumprido essa promessa ou concordado com o tratado de paz em 2022, teria quase de certeza sido enforcado pelos extremistas, que o ventilaram pública e inequivocamente. Agora, o seu avião já está à espera em Borispol para fugir para uma das suas muitas moradias no estrangeiro, que nos comprou com dinheiro de ajudas pagas em excesso nos últimos anos. Vivi em Kiev e Odessa durante anos, e nós, no Ocidente, não percebemos nada do que se passa naquele país e da mentalidade corrupta, repugnante e totalmente indigna de confiança dos seus dirigentes.

As pessoas estão sempre a tentar agarrar e beneficiar-se a si próprias e a bússola moral está completamente ausente da maioria delas. Parece que estamos completamente cegos por essas belas mulheres ucranianas, que, para além de serem atraentes e inteligentes, são também extremamente astutas e sofisticadas, e quase todas elas eram prostitutas, como elas próprias admitiram, e tinham uma média de três patrocinadores, porque, bem, com um salário mensal de, digamos, 250 euros, nunca se conseguiria sobreviver na cara Kiev ou Odessa.

A prostituição foi aí institucionalizada. Conheço esse país, a sua cultura e a sua história como a palma da minha mão e nunca, em tão pouco tempo, ouvi tantos disparates proclamados pelos nossos políticos, pelos meios de comunicação social e pelos chamados peritos (militares) como nos últimos dois anos. É pura ficção, fantasia e ilusões russofobias. Este livro centra-se nos meios de comunicação social do Ocidente coletivo como um dos oito braços poderosos do polvo maléfico, intercalado com as minhas experiências recentes nas Maurícias, Seychelles e Maldivas, alguns paraísos excecionalmente belos de que a Terra só tem alguns.

Mais uma vez, aprendi muito com estas aventuras e a minha convicção de que nós, no Ocidente, estamos a agir de forma totalmente errada e que, se continuarmos assim, vamos cavar a nossa própria perdição devido a uma arrogância, hipocrisia, dois pesos e duas medidas constantes, uma grave decadência moral, líderes governamentais chocantes, incompetentes e falsos e um MSM ativista falhado, com o qual vivem em simbiose.

Nas Maurícias e nas Seychelles, tive muitas oportunidades de refletir sobre os nossos meios de comunicação social e sobre o declínio da nossa sociedade ocidental em muitas áreas, o que constitui o segundo tema deste livro. Os leitores dos meus 11 livros publicados anteriormente sabem que escrevo principalmente para o homem ou a mulher comum com uma boa dose de bom senso.

Nas universidades, as pessoas tentam desaprender coisas especialmente inteligentes e, por defeito, não utilizo notas de rodapé para convencer o leitor de que o que afirmo deve ser verdade porque outras pessoas de renome (muitas vezes num contexto totalmente diferente) também pensaram o mesmo que eu. Não participo nesse disparate. O meu respeito pelos títulos académicos diminuiu consideravelmente nas últimas décadas devido à inegável inflação da qualidade desse tipo de educação.

Os termómetros também têm graus e todos nós sabemos onde os colocar. O bom senso e o raciocínio lógico são muito mais importantes do que mostrar-se sujeito ao colete de forças dos costumes académicos de esquerda. Para evitar mal-entendidos, as pessoas que hoje se dizem de esquerda não têm nada em comum com as que eram de esquerda até há, digamos, 30 anos atrás, na verdade são os opostos umas das outras. A esquerda tradicional era uma ardente defensora do Estado de direito, da democracia, dos direitos fundamentais e da paz mundial.

As universidades e os colégios tornaram-se focos da moderna nuvem "esquerdista". Tudo o que afirmo é por minha conta, baseia-se na experiência pessoal, no estudo de inúmeros livros de mentes brilhantes, no meu próprio julgamento e não tenho qualquer interesse financeiro ou afiliação com ninguém. Sou completamente livre de espírito e independente e encontro o que realmente quero dizer e não porque é politicamente correto e porque estou tão interessado em pertencer ao rebanho de ovelhas.

Permitam-me que seja claro: sem um MSM pluralista, conhecedor, independente e objetivo, uma democracia e um Estado de direito simplesmente não podem funcionar e a tirania está à espreita. Estou convenientemente a partir do princípio de que a maioria dos compatriotas tem um grande coração democrático. O atual modelo e práticas de governação em Haia e Bruxelas não são decididamente democráticos e aproximam-se do modelo oligárquico, que é também o modelo ideal-típico do neoliberalismo.

A realidade, tal como a vivenciamos todos os dias, é em grande medida determinada pelas imagens que estes meios de comunicação social imprimem deliberadamente nos nossos cérebros através de quadros mentirosos emocionalmente estimulantes. É suposto informarem o público honestamente sobre os acontecimentos noticiosos a partir de múltiplas perspetivas - e fizeram-no na minha juventude -, mas agora, sobretudo, dão a volta a uma narrativa desejada para manipular o pensamento do público e tornaram-se, assim, o departamento de propaganda de facto do governo, da UE, dos EUA e das elites globalistas, e isto só se torna claro se seguirmos os fluxos de dinheiro.

A realidade que experimenta sobre questões substantivas é apenas um conto de fadas criado e prescrito por esses MSM. Já não se trata de factos noticiosos, mas de gestão da perceção. O Professor emérito Cees Hameling, um expert em questões de comunicação, por quem tenho grande estima, fala de filtros, mas penso que até isso é demasiado suave. Não só estão a falhar no seu papel de controlo e informação, como estão deliberadamente a lançar no éter histórias absurdas e mentiras para servir os seus senhores.

Os Grandes Media, os Grandes Bancos, o Grande Petróleo, a Grande Indústria Farmacêutica, o MIC (incluindo as agências de informação e o Departamento de Estado), o Big Data, o Big Agricultura, o Big Teca e algumas ONS mal orientadas formam os braços bem cooperantes do Polvo maléfico, que instigam guerras em todo o mundo porque geram dinheiro em ouro e acumulam poder. Uma vez que trabalham em estreita colaboração, com base nos seus próprios interesses financeiros e estratégicos, e que a narrativa é consensual entre os oito braços, o público tem a sensação de que a narrativa formal tem de fazer sentido.

Acham mesmo que, quando estão em jogo muitas centenas de milhares de milhões de dólares, os seus principais intervenientes não se dão ao trabalho de se coordenarem uns com os outros sobre a linha de ação desejada? Atualmente, já não temos uma democracia e um Estado de direito a funcionar. A UE é o antagonista antidemocrático das democracias nacionais europeias e é revelador o facto de os porta-vozes deste que é o maior opositor da democracia e do Estado de direito usarem estas palavras com mais frequência.

Os oito braços do Polvo determinam em grande medida o que acontece no mundo e as democracias ocidentais tornaram-se meras fachadas e os líderes governamentais as marionetas selecionadas desse Polvo. Não se trata de uma conspiração, mas de um facto consumado. Todos os oito braços do Polvo são abordados neste livro, mas o MSM é o foco. Tomei o caso da guerra por procuração na Ucrânia como um estudo de caso porque ele adapta perfeitamente o comportamento vicioso e a falência dos MSM e este é o terceiro tema deste livro.

A Internet, os motores de busca como o Google, as redes sociais, os fóruns de plataformas como o YouTube, com a ajuda de algoritmos, permitem de facto manipular escandalosamente as eleições. O queridinho do MSM ganha um lugar de destaque nos relatórios, o inimigo jurado escolhido também, embora em termos negativos, e o analista razoável desaparece no fundo da lista de artigos e livros.

Há alguns dias, quando comprei um pacote de Fishermen's Friends com um cartão de bónus num supermercado, entre outras coisas, e liguei a smart-TV depois de regressar a casa, apareceu imediatamente um anúncio a esse produto. Os meus colegas também experimentam regularmente este tipo de prática digital. Se alguém falava no carro sobre a compra de um produto especial, por exemplo, sem consultar a Internet e o altifalante do telemóvel não estava supostamente ligado, quando chegava a casa aparecia imediatamente na televisão um anúncio exatamente do tipo de produto de que estava a falar.

Isto não é paranoia, é um facto do Google. O que acham que os centros de dados que consomem muita energia estão a fazer? Quando quis promover os meus livros, há dois anos, uma empresa afiliada da Google explicou-me detalhadamente como o faziam na prática e que tinham praticamente todos os nossos dados e preferências à sua disposição. Todas as conversas e mensagens são guardadas e analisadas algures. Acham que isto é normal e querem mesmo isto?

Recentemente, fiquei perplexo com o que a IA já é capaz de fazer. Porque é que alguém como o próprio Elon Musk alerta para os perigos da IA? A Internet, as redes sociais, os motores de busca, os fóruns e a IA são ferramentas eficazes para manipular e, assim, minar as eleições democráticas. Se juntarmos a isto uma identidade digital e bancária europeia, temos a base perfeita para a tirania e o controlo total.

Este tipo de medidas é sempre aprovado de forma sorrateira, supostamente para o nosso próprio bem. Apesar de as pessoas criticarem regularmente a China, parece que a UE também vai introduzir o sistema de vigilância chinês baseado no reconhecimento facial e com pontos de penalização social. Se comermos demasiada carne, viajarmos demasiado ou mantivermos contactos com pessoas demasiado críticas, ficaremos sujeitos a futuras sanções que poderão culminar no bloqueio da nossa conta bancária ou na completa exclusão social.

Quando isso acontece, as pessoas tornam-se robots e uma vida sem liberdade é insuportável. Vi recentemente uma imagem no YouTube de uma mulher nos EUA a deitar fora sacos de lixo cheios de boletins de voto na assembleia de voto. Todos declararam Trump louco em 2021, mas será que ele estava assim tão longe quando há tantos boletins de voto curiosos e não verificáveis em circulação?

E não sou de todo fã de Trump e muito menos do demente Joe Biden, e olhem bem para ele. Acham mesmo que ele é o responsável? Não há realmente ninguém nos EUA que tenha as qualidades certas e, se assim é, porque é que nunca passam no processo de pré-seleção? Caro amigo! E apesar do facto de Joe Dorminhoco não conseguir encontrar o caminho para a saída, a casa de banho ou a mosca, não conseguir fazer um discurso de 2 minutos que faça sentido sem misturar todos os nomes e números, e estar cheio de anfetaminas só para se apagar por uns tempos, será novamente o candidato presidencial dos Democratas nas próximas eleições.

Pergunto-me até que ponto os seus titeriteiros devem desprezar o público. Quem será o seu sucessor, um presidente em coma? Esta situação também diz muito sobre como e onde se encontra o verdadeiro equilíbrio de poderes no mundo e o mesmo se aplica ao palhaço Zelenski, que está apenas a desempenhar um papel. No entanto, o seu papel parece estar agora esgotado e espero que este Judas tenha de se demitir dentro de meses, ser deposto ou morto ou ser autorizado a fugir para a Florida ou para outros destinos para desfrutar das suas moradias de um milhão de dólares compradas com dinheiro da ajuda pilhada.

Ele tem em abundância tudo aquilo de que os nazis culpavam falsamente os judeus. O seu trabalho está feito e ele tem a Ucrânia defunta. Que os fantasmas das centenas de milhares de soldados ucranianos mortos continuem a perturbar-lhe o sono para sempre. Biden está a fazer exatamente o que o polvo malvado quer e é disso que se trata e é por isso que ele é o homem deles. Mesmo no nosso país, foi recentemente revelado que o software que faz a contagem total dos votos expressos para cada município também era corruptível.

O último vestígio de democracia, o referendo, foi fervorosamente descartado pelo D'66. Alguém me pode explicar porque é que os referendos podem funcionar na Suíça e não aqui? Posso fazer uma sugestão? Porque as nossas elites políticas, autonomeadas, têm medo do que os malucos vão pensar a seguir. Quando derem por isso, não poderão de todo implementar a agenda globalista e não servirão a 100% os interesses dos EUA.

Não precisamos de todo dos EUA, esta suposta relação de dependência é também uma ficção. No século XVII, apenas 1 milhão de compatriotas foram capazes de marcar a diferença a nível mundial, inventar inúmeras inovações revolucionárias e realizar as maiores conquistas culturais e científicas de sempre do nosso país. Foram proeminentes e activos em todos os continentes. Libertem-se do atual complexo de inferioridade.

Não podemos aprender nada com o atual niilismo superficial dos EUA e com o seu globalismo antinatural, resumido brevemente como o Grande Reinício do Fórum Económico Mundial. Os Estados Unidos estão em grave declínio, há muito que já ultrapassaram os limites, estão moral e financeiramente falidos. A imagem que a maioria das pessoas no nosso país tem dos EUA baseia-se principalmente em bom marketing e em ar quente e está totalmente desligada da realidade.

A maior parte dos americanos não faz ideia de onde fica a Ucrânia nem de como é realmente a bifurcação e não está minimamente interessada nesse país. O afluxo anual de milhões de pessoas à procura de fortuna através da fronteira do Texas preocupa-os muito mais. A maioria dos americanos nem sequer sabe apontar a Ucrânia num mapa. Numa democracia séria, a primazia da política reside enfaticamente no povo, e os ministros são servidores do povo.

O Parlamento é o órgão supremo e não o Governo. Quantos holandeses ainda se apercebem deste facto? É interessante explorar neste livro como funciona na prática o processo de controlo dos MSM, quem são os principais intervenientes e quais são as interfaces com os outros 7 braços do Polvo e como os MSM vivem em simbiose com o governo, porque é evidente que existe um controlo central das principais notícias e do campo de força política no Ocidente coletivo.

Quem controla as notícias governa as massas e Joseph Goebbels disse-o há 90 anos e aprendeu-o novamente com Edward Bernays, o fundador das relações-públicas e da propaganda. O profissionalismo, uma bússola moral e um conjunto de normas éticas básicas parecem estar a faltar entre estes MSM. Estes jornalistas ou "prestitutes", como são chamados nos EUA, são na sua maioria ideólogos marxistas-trotskistas inspirados, que, comissionados ou não, fazem sobretudo campanha por aquilo que consideram ser boas causas.

É assim que contribuem com a sua parte para a luta que pensam. Os seus patrões só se preocupam com as receitas e as audiências, e não estou a dizer apenas isso, mas também jornalistas de renome e especialistas em meios de comunicação social muito experientes, que escreveram um livro sobre esta prática, como Udo Ulfkotte (*Gekaufte Journalisten*) e Chris Stirewalt (*Broken News*). Uma vez que a grande maioria dos atores HSH são também membros militantes do grupo LGBTQ+, há vários anos que somos bombardeados até à morte com propaganda anti heterossexual, na qual o desvio e a inadaptação são a norma, e um líder conservador como Putin ou Orban é demonizado.

Muitos globalistas também tendem a ser ateus e, na Rússia, a religião voltou a ser muito importante neste século, o que entra em conflito. Se os objetivos desses MSM são realmente bons, é algo que está seriamente em dúvida, e a sua atitude revela profundas frustrações, sentimentos de superioridade mal colocados e muito pouco conhecimento factual. Levante o seu rabo preguiçoso atrás do seu PC por uma vez, investigue no local, não se baseie apenas em fontes obviamente coloridas, como a diarreia de ficção das agências de informação, a Reuters, os grupos de reflexão partidários afiliados ao Complexo Industrial Militar e à NATO, e agências de investigação supostamente independentes como a Bellingcat ou o grupo permanente relativamente pequeno de alegados peritos (militares) deliberadamente selecionados e que trabalham em regime de ganhos extra.

Além disso, mergulhem em milhões de anos de história geológica e climática antes de lançarem a vossa diarreia emocional no éter. Perto da praia de Mahabourg, na Maurícia, há uma placa que diz que há 80 000 anos o nível da água subiu 130 metros e que há 11 700 anos subiu. Por isso, é um pouco hilariante ficar acordado a pensar na subida de 4 centímetros do nível do mar no final deste século.

O CO2 não é de todo a causa do aquecimento global. A Terra está a aquecer principalmente devido aos ciclos do sol e à órbita da Terra em torno do sol num ciclo de 25.920 anos. Devido à flutuação da distância e da posição da Terra em relação ao Sol e devido a catástrofes naturais e a fenómenos cósmicos que ainda não compreendemos totalmente, incluindo os efeitos dos neutrinos, há períodos mais quentes e mais frios e os oceanos e o núcleo de ferro da Terra aquecem.

Durante os períodos mais quentes, o CO2 escapa dos oceanos em grandes quantidades. Mais CO2 leva a mais vegetação e, conseqüentemente, a uma maior produção de oxigénio pelas árvores e plantas. A gestão do clima é um exagero e uma nova crença sem qualquer base científica. Também estou firmemente convencido de que a função dos meios de comunicação social não é semear o ódio ou o medo e alimentar a retórica da guerra, o que eles fazem de forma enfática.

É preciso controlar criticamente o(s) governo(s), a UE e os EUA e os outros acores chave no campo de forças geopolíticas e manter as pessoas adequadas e honestamente informadas. Uma democracia sem controlos e equilíbrios adequados corrompe-se absolutamente. Está atualmente em curso uma dinâmica mediática semelhante à que existia antes da Primeira Guerra Mundial, como já foi referido, e isso não é um bom presságio.

A lógica e o equilíbrio perderam-se por completo e os fatores emocionais irracionais voltaram a ser extremamente populares, tal como o eram na altura. A atual russofobia não se baseia em nada e pode ser um choque para muitos leitores saberem que uma falsa narrativa tem sido deliberadamente impressa nos nossos cérebros pelos meios de comunicação social e enfiada pelas nossas goelas abaixo através de um conjunto impressionante de estímulos emocionais desde há dois anos.